

MISSÃO E PROFISSÃO: A CRÍTICA LITERÁRIA DE OTTO MARIA CARPEAUX

Mauro Souza Ventura

mauroventura@faac.unesp.br

No decorrer das décadas de 1940 a 1970, o crítico literário Otto Maria Carpeaux (1900-1978) exerceu uma atividade crítica contínua e incansável, constituída por centenas de textos publicados em ritmo quase semanal. Vista com a distância de mais de trinta anos desde sua morte, a trajetória e a obra deste austríaco-brasileiro – que chegou ao Brasil em setembro de 1939 vindo de Antuérpia, na Bélgica, onde se refugiara desde abril de 1938, após uma fuga desesperada da capital austríaca em 15 de março daquele ano, quando as tropas de Hitler entraram triunfantes na capital do ex-império austro-húngaro – continuam a surpreender os leitores, seja pela necessária combinação de comentário, análise e julgamento, seja pelo viés ensaístico de sua escrita, além do domínio da língua portuguesa, idioma que aprendeu rápido, mas cujo estilo foi se depurando com o passar dos anos.

Autor de uma obra fragmentada em inúmeros artigos, ensaios, prefácios e introduções, Carpeaux foi também um ativo intelectual que desempenhou importante papel de mediador cultural, contribuindo assim para o processo de formação do leitor culto no Brasil. Isto se deveu, em grande parte, à sua atuação na imprensa, comentando autores pouco divulgados entre nós àquela época, como Franz Kafka, de quem foi um dos primeiros comentadores, ou totalmente desconhecidos, como o holandês Simon Vestdijk e o eslavo Ivan Cankar.

Some-se a isso a publicação de obras de cunho introdutório, como a *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, de 1949, *A Literatura Alemã*, de 1964, ou a monumental *História da Literatura Ocidental*, publicada entre 1959 e 1966. Contribuiu igualmente para esse processo sua atividade de bibliotecário nas décadas de 1940-50 e a participação no projeto das enciclopédias Barsa, Delta Larrousse e Mirador, nos anos subsequentes.

Com efeito, torna-se necessário demarcar e caracterizar a crítica literária de Otto Maria Carpeaux no decorrer de sua carreira, tarefa essa que apresenta não poucas dificuldades, na medida em que sua produção foi impulsionada por necessidades do momento em que foi escrita e orientada em função do público-leitor dos veículos para os quais se destinava.

Além dessas contingências, a crítica literária de Otto Maria Carpeaux situa-se num momento de mudança de paradigma da crítica brasileira. Este processo, que será descrito mais adiante, trouxe profundas transformações, seja em seu funcionamento interno, seja nas relações de poder entre os agentes. Os dois aspectos estão ligados a um processo de autonomização do campo, que desloca o eixo de atuação da crítica da imprensa para a universidade. Tanto a trajetória quanto a obra de Carpeaux trazem as marcas dessa mudança de paradigma e isso acarretou não poucas conseqüências para o crítico.

Um dos efeitos desse deslocamento está na pouca legitimidade de Carpeaux no campo literário nas décadas de 1940-1950, fato este que pode ser observado no tratamento periférico a ele conferido pelas instâncias de consagração – leia-se mercado editorial –, assunto que será desenvolvido mais adiante. Antes, porém, de avançar nesta análise, convém deter-se no contexto de produção da obra crítica de Carpeaux.

A CRÍTICA ENQUANTO PROFISSÃO

Otto Maria Carpeaux publicou seu primeiro artigo na imprensa brasileira em 20 de abril de 1941, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro (LINS, 1943, p. 294). Era o início de uma intensa atividade dedicada à crítica literária, cultural e ao comentário mais ou menos ligeiro de autores, obras e ideias. Além do *Correio da Manhã*, a *Revista do Brasil*, *O Jornal* e *A Manhã*, todos do Rio de Janeiro, foram os periódicos para os quais Carpeaux passou a colaborar com regularidade no decorrer da década de 1940. A estréia de Carpeaux na imprensa brasileira foi

registrada por Álvaro Lins, que credita ao diretor do *Correio da Manhã*, Paulo Bittencourt, a iniciativa de acolhê-lo. Mas deve-se, na verdade, ao próprio Lins a proposta de transformar o então desconhecido “escritor” austríaco em articulista.

O escritor austríaco a que estou me referindo começará a escrever amanhã no *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Otto Maria Carpeaux. Porque conheço este escritor – sou talvez o único de seus colegas brasileiros a conhecê-lo de perto – estou certo que a sua atuação, na nossa vida literária, vai constituir um acontecimento de excepcional significação. (LINS, 1943, p.294).

Foram bastante produtivos os anos de 1941 e 1942, tanto que ele seleciona e reúne textos para duas coletâneas, *A cinza do purgatório* e *Origens e Fins*, publicados em 1942 e 1943, respectivamente.

A primeira metade da década de 1940 foi um período bastante conturbado para Carpeaux. Além do processo de naturalização, concluído em 1944, o crítico envolveu-se em polêmicas com escritores e intelectuais brasileiros. Talvez a mais marcante dessas polêmicas tenha sido a que incluiu o escritor francês George Bernanos, que na época vivia no Brasil. O estopim foi um pequeno artigo publicado em dezembro de 1943 na *Revista do Brasil*, periódico fundado em 1916 e dirigido por Otávio Tarquínio de Souza. Intitulado *A morte de Romain Rolland*, o artigo era para ser apenas um necrológio do escritor francês, mas se transformou no estopim de uma campanha contra Carpeaux, protagonizada por George Bernanos, Genolino Amado, Guilherme Figueiredo e Carlos Lacerda.

Nesse período, Carpeaux trabalhou também na Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia, da qual demitiu-se em 1944 para assumir cargo na Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas. As cartas que trocou com Gilberto Freyre nessa época revelam as pressões sofridas por Carpeaux nesta difícil primeira fase de sua vida no Brasil. Numa delas, datada de 1944, Carpeaux se queixa das acusações de “fascista” feitas por Genolino Amado, Carlos Lacerda e Guilherme Figueiredo. Escreve:

Você deve estar informado quanto à conspiração que os senhores Genolino Amado, Carlos Lacerda e Guilherme Figueiredo montaram contra mim; sentiram-se incomodados por minha existência, e conseguiram, com a ajuda de Jorge Amado, transformar-me em ‘fascista’. Infelizmente, sei que, apesar das defesas do Álvaro e de José Lins, muita gente continua a acreditar nisso, sobretudo na província. O prejuízo não me importa, mas sinto-me profundamente ferido. (CARPEAUX, 1944).

Em dezembro de 1945, Carpeaux escreve a Ledo Ivo uma pequena carta, na qual refere-se ao fato de não estar mais “escrevendo regularmente

nos jornais”. E acrescenta: “o motivo você bem sabe qual é” (CARPEAUX, 1945).

Apesar disso, o crítico continuou atuando na imprensa de forma contínua, com artigos publicados em diferentes veículos, como *Leitura*, *Jornal de Letras*, *O Jornal*, *Revista do Livro*, entre outros, e quase sempre situados no Rio de Janeiro. Além dessas publicações, destaca-se a produção para o jornal *A Manhã*, também do Rio, mantido pelo governo de Getúlio Vargas e dirigido por Cassiano Ricardo. Entre os anos de 1946 e 1953, Carpeaux publicou um total de 100 artigos no *Suplemento Letras e Artes* daquele veículo.

Espaço cultural ligado ao Estado Novo, *A Manhã* abrigava em suas páginas suplementos dedicados à literatura, como *Autores e Livros* (que circulou de 1941 a 1945) e *Letras e Artes*, onde Carpeaux publicou artigos de 1943 a 1953. Também importante neste jornal foi o encarte semanal *Pensamento da América*, produzido com o intuito de promover a idéia de pan-americanismo.

Veículo de imprensa pertencente às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, assim como a Rádio Nacional, o jornal *A Manhã* não poderia permanecer ileso diante da avassaladora política cultural do Estado Novo (SODRÉ, 1999, p. 372; GOMES, 1999, p. 27-29). As décadas de 1930-1940 foram um período de transformações profundas no país, marcadas também pelo surgimento de lugares de sociabilidade diversificados, onde grupos distintos de jornalistas, críticos e intelectuais se reuniam para debater e divulgar suas propostas e ideias (GOMES, 2004).

Nesse sentido, torna-se fundamental mapear alguns desses lugares de sociabilidade, pois eles nos informam sobre o funcionamento do campo cultural e sobre suas relações com o campo político, instâncias essas que interferem decisivamente no fluxo de produção da imprensa (BOURDIEU, 2007). Do ponto de vista metodológico, torna-se importante para este artigo o estudo de periódicos, da correspondência (no caso, as cartas de Carpeaux a Gilberto Freyre) e do funcionamento das casas editoriais, a fim de lançar luz sobre as relações de Carpeaux com os agentes desse campo político-cultural no Rio de Janeiro de então. Não se trata de efetuar uma contextualização histórica; o que interessa aqui é, como no dizer de Gomes, destacar “a existência de um campo intelectual com vinculações amplas, mas com uma autonomia relativa que precisa ser reconhecida” (GOMES, 2004, p.81).

A Casa do Estudante do Brasil (CEB), por exemplo, era um lugar de sociabilidade em torno do qual se reuniam alguns intelectuais, jornalistas e escritores dos anos 40. As duas primeiras coletâneas de Carpeaux

foram publicadas por esta editora e, na folha de rosto dessas obras, há propaganda das demais publicações da CEB e por este registro pode-se ter uma idéia concreta dos temas e autores que compunham o catálogo da editora. Lá estão Gilberto Freyre, Aurélio Buarque de Holanda (a quem, aliás, Carpeaux agradece a revisão dos livros), Vianna Moog, Mario de Andrade, José Lins do Rego, Guilherme Figueiredo e outros. Os temas não deixam dúvida sobre o propósito de abordar os assuntos brasileiros, que norteavam as preocupações do período, centradas na construção de projetos nacionais.

Esta, por sinal, era a característica do pequeno campo artístico-cultural carioca da primeira metade do século 20. Tratava-se, no dizer de Ângela de Castro Gomes, de “um terreno privilegiado para a construção de projetos de intervenção social, sendo os intelectuais vistos e se representando como atores pioneiros e privilegiados na condução do futuro do país” (GOMES, 2004, p.83).

Enquanto lugar de sociabilidade, a CEB vai se juntar a inúmeros micro-campos culturais em atividade no Rio de Janeiro de meados do século 20, todos imbuídos, em maior ou menor grau, do propósito de discutir, implementar e difundir projetos de Brasil moderno. Os campos literário, cultural e jornalístico são, nesse sentido, temas férteis para se conhecer e estudar o Brasil, a partir de duas orientações básicas: o modernismo e o nacionalismo vistos enquanto elementos para se estabelecer os parâmetros sócio-culturais da identidade nacional. A atuação de Carpeaux no campo cultural está inserida neste contexto.

A influência exercida pelo crítico no então pequeno campo literário brasileiro foi marcante, a começar pelo ineditismo e a originalidade de muitas de suas interpretações. A formação humanística consistente, que incluía, segundo ele próprio afirmou, onze anos contínuos de estudo da língua latina, o transformaram num de nossos primeiros e mais significativos mediadores culturais, atuando, de modo ainda que difuso, na formação do chamado leitor culto. Importante nesse processo foi o trabalho de divulgação e de comentário de autores até então praticamente desconhecidos entre nós, como Lichtenberg e Jacobsen, Hofmannsthal e Conrad, Alfieri e Verga, Burckhardt e Vico (aliás, duas de suas grandes influências). Isso sem falar em Kafka, de quem ele foi um dos primeiros comentadores em língua portuguesa. Em “Fragmentos sobre Kafka”, publicado em julho de 1946 em *O Jornal*, Carpeaux relembra, “não sem certo orgulho”, ter sido ele o autor do primeiro artigo que se publicou sobre Kafka no Brasil. (CARPEAUX, 2005, p. 72). Trata-se de “Franz Kafka e o mundo invisível”, publicado em 1942 em *A cinza do purgatório*.

Também digna de nota foi a tradução de 20 aforismos de Kafka feita por Carpeaux e publicada em dezembro de 1943 na Revista do Brasil.¹

UM CRÍTICO EM BUSCA DE LEGITIMAÇÃO

Durante quase toda a década de 1940, Carpeaux esteve envolvido na elaboração de seu projeto mais ambicioso, que foi a *História da Literatura Ocidental*. Contratado pela Casa do Estudante do Brasil para escrever a obra, Carpeaux finalizou os últimos capítulos em novembro de 1945. Entregou ao editor cerca de quatro mil páginas datilografadas e, segundo ele, criteriosamente documentadas.² Mas os originais ficaram parados, pois a Casa do Estudante do Brasil, órgão do Ministério da Educação, não possuía recursos para publicar a obra de Carpeaux. Como se não bastasse, o contrato com o editor estipulava uma pesada multa em caso de desistência do autor, e isso tornou inviável a publicação da obra por outra casa editorial. Quase dois anos depois, Carpeaux ainda vivia esse impasse. Em carta a Gilberto Freyre, datada de 31 de março de 1947, ele se queixa do editor, Arquimedes, que permanecia irredutível.³ Escreve Carpeaux:

Esgotei-me com esse trabalho, entregando os últimos capítulos em novembro de 1945. Não demorou a revelação desagradável: a C.E.B. é financeiramente incapaz de editar a obra. Naquele tempo, vários editores quiseram entrar no negócio, mas nosso amigo Arquimedes, possessor de ambição, não me largou, insistindo no contrato que não determina prazo de edição e me impõe no caso da rescisão da minha parte uma forte indenização (CARPEAUX, 1947).

A obra somente seria publicada entre os anos 1959 e 1966, e pelas edições *O Cruzeiro*, dirigida por Herberto Sales. Mas as agruras de Carpeaux com este livro não pararam. Com tiragem imprecisa e diversos erros tipográficos, esta primeira edição foi revista e ampliada pelo crítico nos anos seguintes, para ser publicada a partir de 1978, pela pequena Alhambra, de Joaquim Campelo Marques.

1 O próprio Carpeaux explica em nota tratar-se da primeira tradução dos Aforismos de Kafka: “Esses aforismos, publicados postumamente, ainda não foram traduzidos para nenhuma língua”. (*Revista do Brasil*, 1943, p. 33-35)

2 Em 1943, na folha de rosto da primeira edição de *Origens e Fins* há uma relação dos lançamentos previstos pela editora, onde está anunciada a obra *A literatura do Ocidente* (3 vol.) de Carpeaux.

3 Arquimedes de Melo Neto, então editor da Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil.

Mas este não foi o único livro de Carpeaux a enfrentar problemas de natureza editorial. A *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, publicada em 1949 pelo Serviço de Documentação do MEC, chegou aos leitores com graves falhas de revisão. Tanto que foi motivo de comentário de Álvaro Lins na época:

Os erros de revisão desta *Bibliografia* saltam aos olhos de qualquer um, e por todos os lados, até no índice onomástico, onde a página indicada com precisão numérica para um Autor não é a que lhe corresponde de fato no texto” (LINS, 1952, p.51).

Os incidentes editoriais envolvendo esses dois livros podem contribuir para uma reflexão sobre o interesse pela obra daquele que figura como um dos mais importantes críticos do país e fornece dados para reavaliar o lugar ocupado por seu autor no campo da crítica, assim como contribui para dimensionar sua importância no processo de formação do leitor e do próprio campo literário do país.

Cabe lembrar que, naquela época, já tínhamos no Brasil grandes casas editoriais, como a José Olympio, no Rio de Janeiro. Por que então a obra de Carpeaux foi publicada pela revista *O Cruzeiro*? Não será em vão lembrar aqui as palavras de Bourdieu (2007), por certo muito conhecidas, segundo as quais a posição ocupada por um autor em seu tempo está ligada à relação que mantém com as instâncias de difusão.

A forma das relações que as diferentes categorias de produtores de bens simbólicos mantêm com os demais produtores, com as diferentes significações disponíveis em um dado estado do campo cultural e, ademais, com sua própria obra, depende diretamente da posição que ocupam no interior do sistema de produção e circulação de bens simbólicos e, ao mesmo tempo, da posição que ocupam na hierarquia propriamente cultural dos graus de consagração. (BOURDIEU, 2007, p.154).

Em suma, não se pode ignorar a posição que um determinado agente ocupa na hierarquia das legitimidades culturais, posição esta que depende dos signos de reconhecimento ou de exclusão emitidos pelas instâncias de consagração. No jogo entre agentes pretendentes e dominantes no campo literário, pode-se dizer que Carpeaux não foi um autor legitimado por essas instâncias, pelo menos no período que estamos analisando. Em 2008 foi lançada uma terceira edição de *História da Literatura Ocidental*, pela editora do Senado Federal. Ainda que não se possa deixar de louvar a iniciativa das Edições do Senado Federal, é preciso considerar que as edições dessa obra ao longo da história foram feitas por editoras pequenas ou situadas à margem do sistema editorial brasileiro (é o

caso das editoras *O Cruzeiro*, *Alhambra* e *Senado*) e que, por certo, não correspondem à imagem que o crítico obteve na posteridade. Em outras palavras, Carpeaux foi um autor de pouca legitimidade junto ao campo da difusão – leia-se mercado editorial – e isto pode ser comprovado pela história das edições de sua obra.

É evidente que a construção de uma reputação não se faz pela ação exclusiva deste ou daquele agente, desta ou daquela instituição, deste ou daquele veículo. Trata-se, como argumenta Bourdieu, de um sistema de relações objetivas, que inclui não apenas a concorrência entre agentes, cujos papéis estão associados a valores culturais diversos, mas também ao próprio conflito entre agentes que ocupam posições diferentes no processo. O que determina a fortuna de uma obra é, assim,

“(...) o campo da produção como sistema das relações objetivas entre esses agentes ou instituições e espaço das lutas pelo monopólio do poder de consagração em que, continuamente, se engendram o valor das obras e a crença neste valor”. (BOURDIEU, 2008, p.25)

Não obstante isso, a influência de Carpeaux é considerada um fator de relevância nas dinâmicas do campo no período em que estamos analisando. Como revela Junqueira (2005), que conviveu com Carpeaux nos anos 1950-60 e de quem se tornou amigo, a influência do crítico foi decisiva na formação de inúmeros futuros intelectuais brasileiros a partir da segunda metade do século XX. Junqueira recorda que, em 1956, já tendo abandonado o curso de Medicina para se dedicar à literatura, tomou contato com os artigos de *Origens e fins*, a segunda coletânea de Carpeaux publicada no país.

O fascínio pelo pensamento de Carpeaux estava obviamente vinculado a um processo de distensão e enriquecimento que cada um de nós viera acumulando ao longo dos anos do ponto de vista humanístico e cultural. Ele não alterou o rumo de nossas vidas, mas sua lição contribuiu de maneira notável para o nosso amadurecimento como intelectuais. (JUNQUEIRA, 2005, p.24).

Ao mesmo tempo em que contribuiu para a formação do campo da crítica literária no país, pois tornou-se referência na formação de muitos dos intelectuais hoje em atividade,⁴ Carpeaux empenhou-se para

4 Também o crítico Alfredo Bosi refere-se a Carpeaux como uma de suas leituras fundamentais de juventude: “Quando, por volta de 1950, comecei a me interessar por literatura, descobri, encantado, nas páginas do *Diário de São Paulo*, um mundo absolutamente novo para o ginasiano de treze anos. Era o mundo dos homens e dos livros

imprimir uma marca de profissionalismo (leia-se trabalho remunerado para garantir a sobrevivência) e de especialização a um ofício que até então era exercido por bacharéis e diletantes de todos os tipos.

NA CONFLUÊNCIA DE DOIS MODELOS

No Brasil do início da década de 1940, a crítica literária apresentava duas características bastante definidas: ocupava as colunas fixas e rodapés dos jornais e de algumas revistas e era praticada em geral por profissionais liberais, os chamados homens de letras, que, formados muitas vezes no autodidatismo, escreviam em tom de comentário, num gênero bastante próximo ao da crônica. Ora, a formação de Carpeaux é bastante eclética. Formado em Química pela Universidade de Viena, profissão que jamais exerceu, Carpeaux, quando chegou ao Brasil, já era autor de três obras ensaísticas, como *Wege nach Rom* [Caminhos para Roma], *Österreichs europäische Sendung* [A missão européia da Áustria] e *Van Habsburg tot Hitler* [Dos Habsburgos a Hitler]. Era também autor de vários artigos publicados em revistas como *Der Christliche Ständestaat* e *Die Erfüllung*, ambas de Viena, e *Signale für die musikalische Welt*, de Berlim. Não obstante, desde a juventude em Viena, o espaço ocupado por Carpeaux foi sempre a imprensa, caminho geralmente trilhado por publicistas e candidatos a escritor. Carpeaux possuía uma vocação natural para trabalhar na imprensa e isso costuma direcionar as habilidades individuais. Sua trajetória e sua produção textual estão marcadas por este direcionamento.

Ocorre que, neste momento, o campo da crítica no Brasil passava por uma mudança de paradigma, com profundas transformações, seja em seu funcionamento interno, seja nas relações de poder entre os agentes. Os dois aspectos estão ligados ao processo de institucionalização universitária, que irá deslocar o eixo de atuação da crítica para a academia. A crítica literária de meados dos anos 1940 era obra de indivíduos que encaravam a atividade mais como uma missão do que uma profissão, e cujos principais expoentes eram Álvaro Lins, Alceu Amoroso Lima, Sérgio Milliet, Lúcia Miguel Pereira e Sérgio Buarque de Holanda, além do próprio Otto Maria Carpeaux (*A cinza do purgatório*, de 1942 e *Origens*

trabalhados pela leitura de Otto Maria Carpeaux em artigos cheios de verve, poesia e paixão. Posso dizer que, durante anos a fio, não bebi de outra fonte em matéria de crítica literária”. (BOSI, 1992, p.9).

e *fins*, de 1943) e do então novato Antonio Candido, com *Brigada ligeira*, de 1945.

Esse processo ocorreu a partir da criação dos cursos de Letras no país e se intensificou na segunda metade do século 20, com a formação de um grupo de profissionais oriundos do incipiente meio universitário, que passam a ser legitimados enquanto críticos em suas intervenções nos jornais. Deste modo, os críticos legítimos serão aqueles que, possuindo uma base de atuação na universidade, passam a defender uma atitude crítica distinta daquela que era exercida pelos críticos “impressionistas”. A partir do início da década de 1950, Afrânio Coutinho passou a fazer verdadeira campanha em favor da crítica enquanto disciplina científica, amparado na tese de que a verdadeira crítica literária tinha como ponto de apoio a cátedra e não mais a imprensa. Não esqueçamos que o momento refletia a influência poderosa do *New Criticism*, de quem Coutinho será o porta-voz no país. Como explica Vagner Camilo, a perspectiva de Coutinho pretendia ser “uma forma de combate à conduta antiprofissional e imoral de nossa elite literária, que monopolizava os periódicos e rodapés literários”. (CAMILO, 2008, p.120-121).

É curioso constatar que a campanha de Coutinho pela renovação da crítica foi feita por meio de artigos publicados na imprensa, o que indica que o veículo de difusão permanecia inalterado; o que mudava eram os agentes. Sussekind descreve com propriedade os protagonistas desta luta travada no campo literário.

De um lado, os antigos ‘homens de letras’, que se crêem a ‘consciência de todos’, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da *review* como exibição de estilo, ‘aventura da personalidade. De outro, uma geração de críticos formados pelas faculdades de filosofia do Rio de Janeiro e de São Paulo, criadas respectivamente em 1938 e em 1934 e interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica. (SUSSEKIND, 2003, p.17).

Estamos diante de um embate que coloca em cena dois modelos distintos de atitude crítica, assim como dois critérios de validade para o julgamento da obra literária. Para os objetivos deste artigo, interessa saber qual é a posição ocupada por Carpeaux nesse cenário e quais as implicações resultantes – do ponto de vista da legitimação – para a recepção de sua própria obra crítica. Nunca será demais lembrar que, como explica Bourdieu, a história de um determinado campo é construída pela luta dos agentes pelo “monopólio da imposição das categorias de percepção e apreciação legítimas.” (BOURDIEU, 2008, p. 88).

Como dissemos, no momento em que Carpeaux inicia sua produção no Brasil, o campo da crítica literária atravessa um período

de questionamento com relação à sua própria natureza e função. Uma fase de transição que passa da crítica não especializada, exercida então por profissionais de diversas áreas que escrevem para os jornais, ao surgimento dos primeiros críticos oriundos da universidade e ligados ao ensino de literatura. Mais uma vez recorremos a Sussekind, que reflete sobre esta passagem do crítico-cronista ao crítico-scholar:

“Há, então, dois modelos bem diversos de críticos em disputa, que se encontram momentaneamente lado a lado nas páginas da imprensa diária. O que se inicia é uma mudança nos critérios de validação daqueles que exercem a crítica literária. A “carteira de habilitação” em meados dos anos 1940 não é mais a mesma das primeiras décadas deste século. E parece prever um tipo de intelectual cuja figura não cabe mais nas funções, até então supervalorizadas, do jornalista, do crítico-cronista.” (SUSSEKIND, 2003, p.17-18).

Ora, os novos qualificativos para o exercício da crítica passam, pois, pela órbita da cátedra, ou do ensino de literatura. Se o espaço de publicação permanece o mesmo, ou seja, o jornal e a revista de circulação ampla, o requisito se modifica; o lugar de fala do novo crítico de rodapé será o do professor, e não mais do diletante-cronista-jornalista-homem-de-letras. Qual será o lugar de Carpeaux nesse movimento? Herdeiro de Álvaro Lins no *Correio da Manhã*, ele herda também um modelo de crítica que perde prestígio em função do surgimento de críticos “especialistas”. Ao crítico, portanto, não bastará ocupar o rodapé semanal – e vários, incluindo Carpeaux, continuarão a fazê-lo. A legitimação no campo da crítica virá cada vez mais da posição de determinado agente em relação à instância acadêmica.

Ao mesmo tempo, pode-se argumentar que a crítica de Carpeaux situa-se na confluência entre os dois modelos acima citados, apresentando característica de ambos. A própria biografia de Carpeaux o coloca a meio caminho entre o homem de letras não especializado e o crítico com formação específica em ciências humanas (ele teria cursado Filosofia e Sociologia em Paris e Literatura Comparada em Nápoles, dados ainda não comprovados). Além do mais, Carpeaux inicia sua produção teórica em 1934, com *Wege nach Rom* [Caminhos para Roma], livro que, seja pela erudição, seja pelo tratamento formal dos temas, é uma obra marcadamente acadêmica, no contexto da tradição européia.

Por outro lado, razões de sobrevivência o levaram ao exercício da crítica profissional e a escrever com regularidade na imprensa. Nesse ponto poderíamos situá-lo na linhagem da crítica literária praticada nos rodapés dos jornais e vinculada a todo um conjunto de valores que o

Afrânio Coutinho, sob a influência do *New Criticism*, procurava naquele momento extirpar da cultura brasileira.

No entanto, se foi por uma contingência que Carpeaux tornou-se crítico literário de jornal, sua formação humanística e o consistente trabalho dos conceitos que se depreende de suas análises da obra literária permitem-nos conjecturar que, fossem outras as circunstâncias, ele talvez tivesse produzido uma obra de natureza teórica (com ou sem vínculos acadêmicos), projeto este que o destino se encarregou de abortar. O próprio Carpeaux tinha consciência disso e não hesitava em afirmar que o jornalismo era apenas um meio de vida. Seja como for, a trajetória de Carpeaux o conduziu para a imprensa e tanto sua obra quanto seu estilo refletem as contingências e marcas desta atividade. Não podemos esquecer também que, mesmo na Áustria, Carpeaux já trabalhava como jornalista, escrevendo sobre política e cultura.

Com efeito, em seus inúmeros artigos é possível encontrar exemplos tanto da antiga crítica literária como da análise especializada – apoiada em citações, notas de rodapé e vasta bibliografia –, que se institucionaliza nas universidades brasileiras a partir dos anos 1950-60, mas que já era prática comum em seu país de origem. Não seria, portanto, exagero afirmar que o percurso ensaístico de Carpeaux movimentava-se entre os dois pólos da crítica enquanto gênero: do impressionismo dos homens de letras à abordagem teórica que será a marca da crítica acadêmica que se institui neste período.

Já no plano epistemológico, as interpretações de Otto Maria Carpeaux – quase sempre intuitivas, impressionistas, ao mesmo tempo em que fortemente armadas de erudição – deixam a lição de que as armas da crítica precisam ser forjadas apenas e na medida em que a obra as solicita. Contrário à aplicação mecânica e instrumental do método crítico à obra, Carpeaux percorre um movimento que pode ser traduzido pelo seguinte axioma: é a obra literária que funda o método. É ela que o elege e não o contrário. Nesse sentido, fica evidente sua oposição ao *New Criticism*, cujos preceitos cientificistas ele não deixa de ironizar:

Empregam-se métodos, criados em situações literárias diferentes, para explicar onde não há nada para explicar. Com impaciência estou esperando que um crítico da novíssima geração dedique trabalho de análise estilística às imagens da vida doméstica nos romances da Sra. Leandro Dupre ou à frequência de adjetivos astronômicos na poesia de Petrarca Maranhão. Antigamente não foi assim. Os nossos críticos antigos nem sequer sabiam o que é método. Num sentido muito diferente, Augusto Meyer também ‘não tem método’. Emprega ora este, ora aquele processo de interpretação, obedecendo só e exclusivamente à natureza da obra que pretende interpretar; o método

estilístico, o método sociológico (nos seus estudos de literatura gaúcha) e last but not least – o método psicológico. (CARPEAUX, 1999, p.852).

Consciente das limitações e insuficiências inerentes a todo método quando se defronta com seu objeto, Carpeaux se movimenta, sempre, da parte para o todo e vice-versa. Ao mesmo tempo, articula diferentes disciplinas teóricas, sem sacrificar ou submeter a obra literária a nenhuma delas. História, sociologia, psicologia, filologia, biografia e poética convivem lado a lado em suas leituras e são utilizadas pelo intérprete na medida de sua necessidade. Cada obra solicita um determinado tipo de abordagem e o resultado é uma crítica que se mantém equidistante de linhas, movimentos ou tendências.

Com efeito, a crítica de Carpeaux remete à atuação de um sujeito dotado de exuberante arsenal crítico e metodológico, disposto e capaz de mobilizar os mais diversos recursos do conhecimento em favor da exegese literária. Carpeaux parece confirmar aquele ideal de intérprete que, sabendo que não se é um bom crítico literário sendo apenas crítico literário, não hesita em transpor as fronteiras de sua área para invadir, resolutamente, o quintal dos outros. Assim, uma das questões suscitadas pelo contato com a obra crítica de Carpeaux diz respeito à existência ou não de limites ou de autonomia para o campo da crítica. O conceito de campo designa um espaço regido por leis próprias e dotado de relativa autonomia. No caso do campo da crítica, cabe indagar acerca do grau de autonomia que esta pode manter em relação aos campos do jornalismo e das letras. A questão do método não está imune a esta dinâmica.

Nesse sentido, não se pode classificar o método crítico de Carpeaux na mesma linhagem de Afrânio Coutinho, como o faz, por exemplo, Miguel Sanchez Neto. “As concepções de Carpeaux faziam eco às de Afrânio Coutinho, que vinha defendendo a nova crítica, de matriz universitária”, escreve. (NETO, 2005, p.16). Para sustentar a hipótese de que Carpeaux teria endossado o movimento contra os homens de letras, Sanches Neto cita trecho do artigo em que o crítico austríaco-brasileiro enumera os requisitos exigidos ao exercício da crítica. “O crescimento do poder das faculdades de letras dar-se-á na esteira de ideias como a de Carpeaux”, escreve Sanches Neto, esquecendo-se, no entanto, de que o pressuposto fundamental do crítico, para Carpeaux, é o gosto. No mesmo parágrafo do artigo citado por Sanches Neto está a seguinte passagem, que anula a hipótese de uma sintonia de Carpeaux com o *New Criticism*. “E para tanto não basta toda a ciência literária do mundo, se não houver a colaboração daquilo que um espírito tão científico como Croce francamente admite: o gosto”. (CARPEAUX, 1999, p. 849).

Mas é a passagem de abertura desse mesmo artigo que fornece elementos para situar o posicionamento de Carpeaux em relação à crítica: “Antigamente tivemos muitos críticos sem teoria alguma. Agora temos muita teoria, uma floresta tão densa que ninguém mais consegue distinguir as árvores.” (CARPEAUX, 1999, p.848).

Para compreender o significado de tal posicionamento, é preciso ter em mente que os textos de Carpeaux publicados na imprensa tinham como destinatário um público leitor dotado de certa cultura literária, que legitimava as posições assumidas pela crítica. Também é preciso lembrar que tal modalidade de escrita costuma hoje despertar a “desconfiança de profissionais que baseiam sua prática apenas na rotina do método”. (SARLO, 2007, p.15). Nesse sentido, o papel desempenhado por Carpeaux no campo da crítica brasileira foi o de um intermediário cultural, cuja função primeira – embora não a única – é a de servir de mediação entre o autor e o público. Em outras palavras, uma atividade que possuía mais a marca de uma missão do que propriamente de uma profissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Carpeaux e a dignidade das letras*. Leia Livros. São Paulo, 19/09/1978, Apud: *Sobre letras de artes*. São Paulo: Nova Alexandria, 1992, p.9.
- BOURDIEU, Pierre. *O mercado de bens simbólicos*. In: *A economia das trocas simbólicas*. Introd., org. e sel. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007, 6ª. ed.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Trad. Guilherme Teixeira. 3ª. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- CAMILO, Vagner. O aerólito e o zelo dos neófitos: Sérgio Buarque, crítico de poesia. *Revista USP*. São Paulo, n.80, dez/fev 2008-2009.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Carta a Gilberto Freyre [1944]*. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, Recife.
- _____. *Carta a Ledo Ivo [dezembro de 1945]*. In: IVO, Ledo. *E agora, adeus: correspondência para Ledo Ivo*. Rio de Janeiro: IMS, 2007.
- _____. *Carta a Gilberto Freyre [31 de março de 1947]*. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco, Recife.
- _____. O crítico Augusto Meyer. In: *Ensaio Reunidos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, vol. 1.
- _____. Fragmentos sobre Kafka. In: *Ensaio Reunidos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, vol. 2.
- COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1957.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores. A política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, 2ª. ed.

- GOMES, Ângela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa. In: *Luso-Brazilian Review*, 4:1, University of Wisconsin, 2004.
- JUNQUEIRA, Ivan. Mestre Carpeaux. In: *Ensaio Reunidos, Vol. II (1946 – 1971)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- LINS, Álvaro. Um novo companheiro. In: *Jornal de crítica – Segunda Série*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- _____. A glória e seus mal-entendidos. In: *Jornal de crítica – Quarta Série*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- _____. Bibliografia brasileira. In: *Jornal de crítica – Sétima Série*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.
- NETO, Miguel Sanches. Crítica e função social. In: *Revista Trama*, Vol. I, 1º. Semestre de 2005.
- REVISTA DO BRASIL*. Rio de Janeiro, Ano VI, 3ª. fase, Nº 56, dezembro de 1943.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SENNA, Homero. A literatura brasileira vista por um europeu. In: *República das letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, 3ª. ed.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, 4ª. ed.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002. 2ª. ed.
- VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux. Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

